

Um relato reflexivo sobre as conversas de Mimo Steim

Fábio Oliveira Nunes (Fabio FON)*

Resumo: Mimo Steim apresenta a si mesmo como um jovem artista tecnológico. Este artista resolve se distanciar do convívio pessoal “direto” através da proposição de uma “teleperformance” na qual permaneceria ininterruptamente online conversando com interlocutores através de uma sala de bate-papo presente em seu site pessoal, chamada de *O artista estah telepresente* (2013). Este relato reflexivo busca tecer considerações sobre a criação de Mimo Steim, focando especialmente nas estratégias de conversação de seu trabalho.

Palavras-chave: conversação, mimetismo, chatbots, fakes.

Abstract: Mimo Steim presents himself as a young technological artist. This artist decides to distance from “direct” personal interaction through the proposition of a “teleperformance” in which he remains continuously online chatting with interlocutors through a chat room on his personal site, called *O artista estah telepresente* (2013). This reflective report seeks to comment on the creation of Mimo Steim, especially focusing on conversation strategies of his artwork.

Keywords: conversation, mimicry chatbots, fakes.

1. Contextualizando Mimo Steim

Mimo Steim apresenta a si mesmo como um jovem artista tecnológico. O artista teria produzido algumas instalações interativas e trabalhos de arte na rede Internet – web arte. Mimo está presente no site de relacionamentos *Facebook*, possui um blog e site pessoal disponível em <http://www.mimosteim.me>. Há um misto de ingenuidade e excesso de pretensão nos textos em que se apresenta; autoproclama-se como um dos mais importantes artistas tecnológicos brasileiros, o que certamente não seria ratificado por nenhum especialista. Suas obras possuem títulos estrambólicos, como se o título em si fosse capaz de emanar toda a carga poética de um trabalho. Suas experimentações em web arte se parecem com as primeiras incursões no gênero, propondo composições de imagens sobrepostas, mapeadas por links; *assemblages* com pouco rigor estético. Busca escrever textos que denotam uma condição diferenciada de sua posição como artista, como se essa constatação lhe provesse algum tipo de

* Doutor em Artes na Escola de Comunicações e Artes da USP. Pós-doutorando em Artes no Instituto de Artes da UNESP. E-mail: fabiofon@gmail.com .

status social. Em uma de suas frases recorrentes busca resumir a sua própria existência em uma condição estética: “eu sou arte”.



Figura 1: Página de abertura do site de Mimo Steim. Disponível em <http://www.mimosteim.me>.

Em determinado momento, Mimo resolve se distanciar do convívio pessoal “direto” através da proposição de uma “teleperformance” na qual permaneceria ininterruptamente online conversando com interlocutores através de uma sala de bate-papo presente em seu site pessoal, chamada de *O artista esta telepresente* (2013). A referência é clara ao conhecido trabalho de Marina Abramovic, *The artist is present*, no qual a artista permanece por dois meses no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em 2012, mantendo-se diante de seus visitantes. Por sua vez, Mimo Steim acrescenta a ideia da telepresença, termo familiar aos anos 90 do século XX, que foi amplamente utilizado para designar ações e transmissões de imagens a distância, tendo por fator chave o tempo real, induzindo-nos a proposições dialógicas que suplantam a distância física entre os pontos envolvidos.

Mas, ao contrário do que é intuído ao pensar em obras em meios tecnológicos, Mimo relativiza o protagonismo daqueles que o contatam em tempo real: sua atuação no bate-papo é (em regra) irônica, situando aquele que está em diálogo como um “figurante” – inspirando-se na ideia da “Sociedade dos figurantes” de Nicolas Bourriaud (2006, pg.28) mencionada em *Estética Relacional*, que discute a instauração da ilusão de sermos os reais senhores de uma sociedade que cultuaria nossa participação.

A teleperformance foi anunciada para início em 14 de setembro de 2013. Na proximidade da semana de lançamento, escrevi dois textos críticos. Um deles foi publicado no site Cronópios¹, um dos mais conhecidos portais brasileiros de artes e literatura, sob o título "O anacronismo telemático de Mimo Steim". O texto contextualizava a ação do artista como nascida de uma discussão já presente a mais de trinta anos no universo da criação em novos meios. Chamo-o de ultrapassado, um autor de trabalhos de títulos "pouco digeríveis" e que tenta mitificar a sua própria pessoa. Mas, como no fundo o texto tinha por objetivo não só levantar polêmicas, mas também direcionar o leitor à experiência de conversar com Mimo, era preciso enxergar profundidade na proposta de isolamento do artista tecnológico:

Ao propor então, como opção, chegar a um "estado máximo de mediação", Steim hiperbolicamente trata de uma existência cada vez mais direcionada pelas tecnologias, sob o risco do nosso domínio sobre uma realidade sensível - a ver como tecnologias móveis ressignificam nossa noção de lugar (com o uso de geolocalização, realidade aumentada, entre outros), na perspectiva de dispositivos cada vez mais implicados na maneira como percebemos a realidade como o fabuloso Google Glass, anunciado como uma revolução neste sentido. Opção que não é nem um pouco fora de moda, pelo contrário. A escolha do artista para trazer metaforicamente à tona esse estado particular de mediação é a linguagem verbal - a linguagem em si é naturalmente uma mediação, diga-se - que, por sua vez, apresenta-se como arremedo da linguagem verbal usada nos meios digitais: Steim não usa acentos e evita letras maiúsculas como referência à submissão do texto às condições técnicas e contextuais dos meios tecnológicos. Isso acontece inclusive em seu chat. A experiência de falar com o artista é uma experiência a parte, que poderia muito bem ser o estímulo para um texto futuro (NUNES, 2013b).

Em um segundo texto, publicado no site Musa Rara² o foco era discutir a ação de Mimo Steim sob o conceito da telepresença, trazendo os trabalhos de Marina Abramovic - a já apresentada inspiração para o título usado por Mimo - e do artista argentino Santiago Cao como parte do contexto de discussão. Cao, aqui relacionado, realizou em um evento chamado SPA das Artes, em Recife, um trabalho intitulado de *Espaços [In]seguros* (2010), relacionando mídias, a sensação de insegurança típica das metrópoles e confinamento. O artista permaneceu emparedado em um cubículo construído no espaço expositivo medindo 1,30 x 1,80m - sem portas ou janelas - comunicando-se com o exterior unicamente via Internet. Durante os três dias, os visitantes puderam conversar com o artista utilizando o chat disponível em um computador ao lado das paredes que o cercavam.

O artigo publicado em *Musa Rara* buscou ser provocativo partindo do título “Web Arte e Mimo Steim: Por que a Web Arte não precisa de artistas como Mimo Steim?” e conclui a toda a discussão da seguinte maneira:

Mimo Steim, entretanto, parece supor que navega em mares nunca navegados: da maneira que se coloca, sugere que suas ações tenham relevância pelo ineditismo. Na verdade, um possível mérito do seu trabalho reside na provocação à hegemonia do up-to-date, ao dar-de-ombros às tecnologias mais recentes, optando por soluções fora de moda, tecnologicamente superadas, como o chat. A web arte, tendo em vista novas soluções tecnológicas, talvez não precise dele. Mas, essa condição levanta outras questões. Permaneço curioso em saber se o artista realmente possuiria a consciência crítica que a ele creditamos. Esperamos que sim. (FON, 2013).

Paralelamente aos textos, e-mails foram disparados a possíveis interessados, através da conta *eusouarte@mimosteim.me*. Em uma das poucas respostas às mensagens enviadas, o artista Mario Ramiro, um dos importantes nomes da arte-ciência-tecnologia no Brasil, decifrou a natureza da ação de uma maneira sintética: “Primo do Marcelo do Campo?”. A referência aqui é a persona criada pela artista brasileira Dora Longo Bahia, em 2003. Marcelo do Campo (em um trocadilho evidente com Marcel Duchamp) incorpora a figura do artista ingênuo que, em meados do século XX, acredita ser capaz de subverter o mercado e agir na marginalidade, no entrecruzamento da arte e ação política (BAHIA, 2006, p.17).

As táticas em torno de Mimo Steim se estenderão para a sua exibição em 2013, na *Exposição Em Meio # 5.0: Prospectiva Poética*³ acontecida no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, em Brasília, e também mais recentemente, na primeira edição do *Festival de Arte, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul*⁴ (FACTORS), entre os dias 20 e 22 de agosto de 2014, na cidade de Santa Maria, RS. Nas referidas exposições foi apresentada uma instalação que consistia na projeção da “teleperformance” de Mimo Steim e a possibilidade de dialogar com o artista por meio de um teclado. Na exposição realizada em Brasília, o resumo afixado próximo à área de projeção, enviado pelo autor, limitava-se a descrever a circunstância aparentemente dada:

Atuando via web em uma espécie de “teleperformance”, na qual condicionaria todas as suas relações humanas aos novos meios, o artista tecnológico Mimo Steim está permanentemente a disposição para conversar com qualquer interlocutor, em tempo real. O artista opta por um comportamento irônico e interrogador, ora tentando desconstruir seu interlocutor, ora questionando sua

relevância. Para se comunicar com Mimo, basta conversar em seu chat.

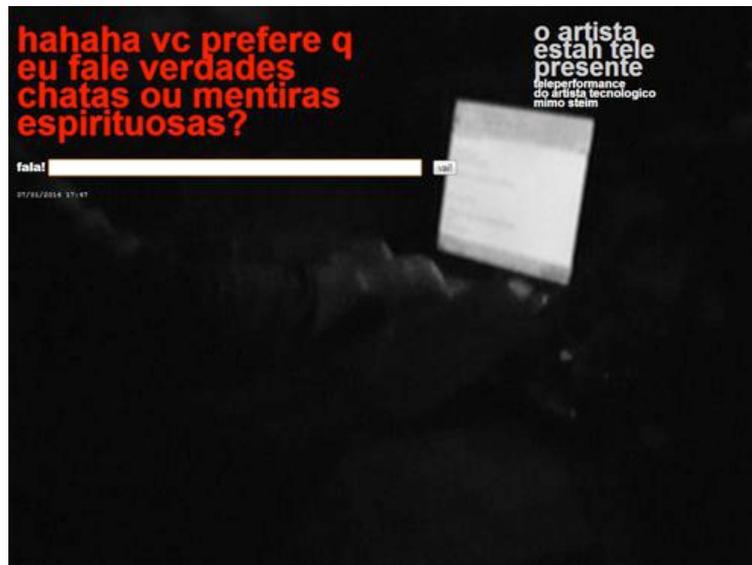


Figura 2: “Teleperformance” de Mimo Steim em seu site pessoal.

A ação acaba por se basear na presunção de um estado “performático” em tempo integral – da capacidade do artista em manter-se permanentemente “em cena”, o que busca elevar qualquer conversa – por mais desprezível que seja, em um potencial acontecimento estético. Assim, as relações estabelecidas por Mimo Steim via bate-papo em rede estão pautadas pelo seu caráter provocativo: tenta conduzir seu interlocutor ora por incessantes e intrincadas perguntas, ora por relativizar a importância do visitante diante da sua suposta genialidade, e enfaticamente se distanciando de qualquer suposição de que ele seja um robô. Em alguns momentos apresenta-se como “um artista que se passa por robô” para justificar seu comportamento estranho ou algumas respostas repetidas, mas sempre se distanciando da objetividade, docilidade e, mesmo submissão a que costumamos vivenciar nas relações entre humanos e máquinas.

2. Os escritos de Mimo Steim

Seria ele um robô-artista ou um artista-robô? Quanto de nossa subjetividade é contaminada pela previsibilidade e sistematização próprias das máquinas ou quanto daquilo que temos de mais subjetivo transparece em máquinas cada vez mais humanizadas? Neste caso, especificamente, cabe revelar que toda conversa com Mimo Steim é automática. Mimo é, na verdade, um robô de conversação – um chatbot – baseado em Linguagem de Marcação de Inteligência Artificial (AIML) capaz de simular uma conversa como as estabelecidas entre seres humanos. O robô possui um amplo cérebro de referências, vinculadas a determinados termos e/ou respostas.

Algumas vezes, sua natureza robótica será deduzida por aqueles que conhecem mais intimamente esse tipo de tecnologia, ou ainda, por alguma repetição não prevista – frases repetidas denunciam que algo pré-determinado está em execução.

A partir de outubro de 2012 foram desenvolvidos os primeiros testes em AIML fazendo uso do site *Pandorabots*⁵. A AIML é baseada em *tags* de abertura e fechamento, similares ao utilizados em outras linguagens de marcação, como a HTML⁶. O uso da AIML tem tornado a criação de robôs de conversação mais acessível, especialmente por sua fácil aprendizagem e utilização, sendo exibida em programas navegadores como uma página em XML⁷. Ainda que o site *Pandorabots* permita a incorporação de bases de conhecimento pré-existentes aos projetos que hospeda, para os primeiros testes de Mimo Steim, optou-se por escrevê-lo do zero, buscando manter a coerência de sua personalidade: incorporar um banco de dados pronto, ainda que significasse resultados satisfatórios em pouco tempo, certamente comprometeria toda a personalidade bastante particular de Mimo Steim, em oposição à docilidade e obviedade das respostas da maioria dos robôs de conversação.

Para rodar efetivamente o robô de conversação em servidor web é necessário um programa que atua na comparação entre os *inputs* do usuário e a base de conhecimento do robô. Optou-se pelo Program-O, desenvolvido pela programadora britânica Elizabeth Perreau, autora do *Shakespearebot* – robô de conversação baseado no famoso dramaturgo inglês William Shakespeare. O Program-O, por sua vez, aponta-se como o programa do gênero mais acessível: em seu site, há uma comunidade de desenvolvedores bastante atuante (presente em vários fóruns), bem como, o programa possui uma interface bastante simples, fácil inclusive para usuários não-avançados.

Apesar de suas qualidades, as especificidades técnicas do Program-O impõem uma condição ao nosso artista-robô: assim como alguns outros softwares para desenvolvimento de chatbots, sua versão 2.0 não permitiu que fossem utilizados tanto pelo robô quanto por seus interlocutores, acentos gráficos; na verdade, há uma tendência nitidamente anglófona nestas incursões, o que dificulta o desenvolvimento de robôs em línguas que não sejam o inglês. Na impossibilidade de uso dos acentos resolveu-se incorporar esta limitação como uma peculiaridade do próprio Mimo Steim inclusive fora do chat: todo o seu site passa a abdicar dos acentos, quase como um “estilo” de escrita. O mesmo passa a valer para suas publicações no Facebook e blog. Inclusive, neste sentido passa-se a limitar também alguns elementos da pontuação como uma opção de enfatizar uma escrita ligeira e enxuta, suscitando o desejo de assumir práticas da linguagem simplificada e informal da web.

Dentro das limitações da AIML, buscou-se estabelecer algumas estratégias capazes de dar profundidade à experiência de conversação com nosso artista-robô. Em primeiro lugar, buscou-se criar em sua base de conhecimento diferentes células de assuntos, a fim de ordenar o que viria a ser experimentado pelo usuário⁸. Algumas células são fundamentais, como a referente às saudações, com uma gama de previsíveis palavras do interator em um primeiro contato. A base de conhecimento explora a previsibilidade que envolve as conversas entre desconhecidos em meios digitais; não se trata de um sistema com poder de aprendizagem ou alguma instrução voltada à especificidade de cada interlocutor; é na verdade, um sistema antiquadamente estático, não pensado para realizar um diálogo pleno, mas de mimetizar a experiência de diálogo a um interator disposto a ser minimamente compreendido. Aliás, após dois anos de diálogos e aperfeiçoamentos em sua base de conhecimento, Mimo Steim passa a possuir mais de 45.000 termos (e conjugação de termos) associados a respostas, distribuídos em mais de 220.000 linhas de código – o que, apesar do caráter rudimentar desta tecnologia frente a outras aplicações em inteligência artificial, proporciona uma experiência razoável de conversação, levando em conta que o robô possui muitas respostas propositalmente ambíguas.

Ao escrever e enviar uma mensagem ao robô, o texto de cada mensagem está sujeito a uma sequência de filtros que vão da maior a menor presença do contexto, e necessariamente, do mais específico ao menos específico. Em ordem de prioridade, inicialmente é buscado no banco de dados a recorrência do termo relacionado ao que o robô falou anteriormente; em seguida, busca-se a recorrência de termos específicos (presentes no banco de dados), termos recorrentes em diferentes discursos e, por último, são trazidos os comandos para situações em que o que foi dito não está nos termos abrangidos pela base de conhecimento de Mimo.

A base de conhecimento foi construída com base nas seguintes estratégias: a adoção de *horizontais curtas* – menos específicas, mas mais abrangentes – tais como “arte” ou “fotografia”, por exemplo; *horizontais longas* – mais específicas e que denotam uma situação em curso – tais como “isso eh sinal que”, por exemplo; *leitura na transversal* das sentenças, quando os termos são coringas para respostas randômicas; *réplicas e tréplicas*, levando em conta o que o interlocutor diz diante de uma determinada resposta do robô; e ainda, as *réplicas cegas*, tal como quando um interlocutor finge que não viu a última mensagem e segue seu discurso adiante. As sentenças de Mimo Steim podem ser divididas em sentenças reativas (o que é convencional, dentro da esperada alternância de interlocução entre visitante e robô) e sentenças ativas (quando o robô resolve escrever sem esperar pela resposta do visitante), menos comuns aos chatbots.

3. Algumas considerações

A escolha por se apropriar da tecnologia dos chatbots para a realização deste trabalho se dá justamente por representarem um tipo particular de tecnologia já superada e eventualmente fadada a seu uso trivial e banalizado. Os chatbots estão na periferia dos reais avanços nos processos de inteligência artificial. Evidentemente que o seu caráter rudimentar não é um empecilho para o uso por artistas, muito pelo contrário: apropria-se desta tecnologia para desconstruir o uso esperado, assumindo um campo de significações inusitadas e subjetivas⁹.

Da mesma forma, as várias estratégias de execução do robô, não buscam livrá-lo das condições rudimentares às quais está limitado: como é muito bem apresentado por vários autores como Porfírio SILVA (2011), o robô não tem conhecimento do contexto daquilo que está sendo conversado: apenas “sabe” as associações que são dadas. Na verdade, é o interlocutor que antropomorfiza a interpretação do robô, dando a ele o status de um falante minimamente consciente do que está sendo dito pela extensão de seu próprio desejo de ser compreendido¹⁰. As intenções das estratégias trazidas neste relato reflexivo, portanto, buscam gerar ambiguidade a partir da dificuldade de distinguir conversas com robôs das conversas estabelecidas entre humanos, tal como é preconizado no conhecido Jogo de Imitação do matemático britânico Alan Turing¹¹. Estabelece-se um jogo entre descobrir quem é humano e quem é máquina, coerente com o cotidiano cada vez mais repleto de agentes artificiais com os quais mantemos relações.

Dos desdobramentos da proposta, algumas das conversas de Mimo Steim deram origem a um trabalho publicado na revista *Alteria*, publicação digital organizada por mim no qual reúno diferentes criações de personas, pseudônimos, fakes e assemelhados. Em *Alteria*, Mimo dará curso a sua proposição – dita a muitos dos seus interlocutores – de tornar as suas conversas, obra de arte. Em três páginas sob a autoria de Mimo, estão trechos selecionados de conversas reais com interlocutores do trabalho nos meses de outubro e novembro de 2013, que conversam sobre arte, relações interpessoais e outras várias especulações. A revista *Alteria* está disponível para acesso irrestrito desde o primeiro semestre de 2014 no endereço <http://www.fabiofon.com/alteria>.

Agradecimentos

Agradecimentos à FAPESP-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que apoia com bolsa a pesquisa de Pós-Doutorado “Mimetismo: Estratégia Relacional em Arte e Tecnologia” deste autor no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Dora Longo. Do campo a cidade. 2010. 144p. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006.

CLELAND, Kathy. Talk to Me: getting personal with interactive art. In: INTERACTION: systems, practice and theory. Sydney: University of Technology, 2004. Disponível em: <http://research.it.uts.edu.au/creative/interaction/papers/interaction04_43.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2012.

FON, Fabio. Web Arte e Mimo Steim: porque a web arte não precisa de artistas como Mimo Steim?. In: MUSA RARA. [São Paulo: s.n., 2013]. Disponível em: <<http://www.musarara.com.br/web-arte-e-mimo-steim>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

NUNES, Fabio Oliveira. Conversação eletrônica em trabalhos de arte e tecnologia. In: TEXTO DIGITAL, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 76-90, jul./dez 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2013v9n2p76>> . Acesso em 31 de agosto de 2014.

NUNES, Fabio Oliveira. O anacronismo telemático de Mimo Steim. In: CRONÓPIOS. [São Paulo: s.n., 2013]. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/internet.asp?id=5731>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

SILVA, Porfírio. Das sociedades humanas às sociedades artificiais. Lisboa: Âncora, 2011.

TUNING, Alan. Computing machinery and intelligence. [S.l.: s.n., 1950]. Disponível em: <http://loebner.net/Prizef/TuringArticle.html>. Acesso em 20 de maio de 2012.

¹ Disponível em www.cronopios.com.br .

² Disponível em www.musarara.com.br .

³ Exposição Em Meio # 5.0: Prospectiva Poética – Exposição integrante do #12.ART: 12º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, Brasília, DF. Organização: Suzete Venturelli, Tania Fraga e Maria Luiza Fragoso. De 02 a 31 de outubro de 2013.

⁴ FACTORS 1.0. Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. Curadoria: Andrea Capsa, Débora Aita Gasparetto e Nara Cristina Santos.

Relacionando-se com o mesmo evento, Mimo Steim também participou da Mostra Online Factors 1.0, disponível no endereço <http://www.mostrafactors.wordpress.com> .

⁵ Pandorabots é uma comunidade baseada em software livre para desenvolvimento e hospedagem de robôs de conversação. O site é uma das maiores comunidades do gênero da rede Internet hospedando mais de 200 mil chatbots atualmente, em diferentes línguas. O site permite que se crie uma conta gratuitamente e que arquivos em formato AIML sejam carregados para armazenamento. Outra possibilidade é que os usuários lancem mão de bancos de conhecimento já disponíveis, o que permite que os robôs não sejam criados do zero. É evidente que esta escolha envolve também incorporar a personalidade (ou a falta desta) do robô original. O site está disponível através do endereço <http://www.pandorabots.com> .

⁶ HTML: Linguagem de Marcação de Hipertexto, utilizada para a elaboração de páginas simples da web.

⁷ Sigla de *Extensible Markup Language*, linguagem de marcação para necessidades especiais na criação de páginas para a rede Internet. A XML é considerada um aperfeiçoamento da HTML, por sua linguagem igualmente simples. De modo geral, todos os programas navegadores (*browsers*) exibem páginas neste formato.

⁸ Sobre o universo de abordagens de Mimo Steim há um texto anterior, dividindo-os em "sobre acepção de arte e conceitualismos", "sobre identidades e alteração de identidades", "sobre protagonismo e figuração" e "sobre reprogramar as formas sociais" (NUNES, 2013a).

⁹ Sobre Chatbots e artistas há um estudo anterior: NUNES, Fabio Oliveira. Chatbots e mimetismo: uma conversa entre humanos, robôs e artistas. In: ARTECH - 6th International Conference on Digital Arts crossing digital boundaries , November 8-9 2012, Faro, University of Algarve, Portugal., 2012, Faro, Portugal.. Proceedings of 6th Internacional Conference on Digital Arts. Faro, Portugal: Grupo Português de Computação Gráfica e Artech Internacional, 2012. v. 01. p. 89-96.

¹⁰ Conforme situa Cleland (2004), chama-se essa tendência de antropomorfizar nossas relações com os robôs de "Efeito Eliza", em menção a um dos primeiros chatbots já criados: Eliza, criado por Joseph Weizenbaum em 1966 e ainda hoje um dos programas de conversação mais conhecidos.

¹¹ O Teste de Turing (ou "Jogo da Imitação") foi proposto pelo matemático britânico Alan Turing em 1950 para avaliar a inteligência das máquinas. O teste consistiria na participação de duas pessoas e uma máquina a ser testada: uma pessoa e uma máquina seriam interrogadas por outra pessoa, sem que esta tenha consciência sobre quem é humano e quem é máquina. O interrogador, sem qualquer contato visual com seus interrogados, buscará através de perguntas por texto, saber quem é quem, já cada interrogado deverá tentar convencer o interrogador de que ele é humano, e não máquina. A máquina conseguiria passar no teste caso o interrogador não fosse capaz de distinguir com certeza a natureza de cada interrogado.